

REFLEXÕES ACERCA DA INSTALAÇÃO *COGUMELOS DA TERRA*.

TREVISAN, Rafael Moraes¹
MIRANDA, Zandra Coelho de²

RESUMO: A proposta deste artigo é apresentar as reflexões acerca do processo criativo e da instalação artística *Cogumelos da terra*, que faz parte da série *Proliferar*, iniciada no ano de 2014, constituindo-se em centenas de cogumelos de cerâmica feitos manualmente e aglomerados em instalações e intervenções artísticas site specific que vem sendo experimentado por mim em diversos lugares. Apresento a instalação *Cogumelos da terra*, buscando relacionar questões de ocupação urbana e a apropriação de territórios e também as relações que o visitante estabelece com uma obra aberta.

PALAVRAS-CHAVES: cerâmica, instalação, processo criativo.

ABSTRACT: The proposal of this article is to present the reflections about the creative process and the artistic installation *Mushrooms of the Earth*, which is part of the series *Proliferar*, that begins in 2014, constituted of hundreds of manually made pottery mushrooms used to create artistic interventions that are site specific, and that has been tried by me in several places. I introduce the work *Mushrooms of the Earth*, seeking to relate it to issues of urban occupation and the appropriation of territories besides analyzing the relations that the visitor of the installation establishes with an open work.

KEY-WORDS: ceramic, installation art, creative process.

¹ Graduado em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Londrina (2014). Graduando discente do curso de Artes Aplicadas com ênfase em cerâmica da Universidade Federal de São João Del Rei. rmtrevisan@gmail.com

² Pós Doutoranda junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes no Instituto de Artes da UNESP/Universidade Estadual Paulista/SP. Docente do Curso de Artes Aplicadas com ênfase em cerâmica da Universidade Federal de São João Del Rei. Atua também junto ao programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, PIPAUS. zandra.coelho@gmail.com

INTRODUÇÃO: A CERÂMICA, A FORMA E O MÚLTIPLO.

A cerâmica é um material aliado a um processo que sempre esteve presente em todas as civilizações sofrendo ou não modificações e adaptações, como novas descobertas e aperfeiçoamentos do material e seus usos e aplicações, entretanto, no decorrer desse percurso manteve sua especificidade. No campo da arte, a cerâmica é a linguagem que carrega em si a atuação dos quatro elementos da natureza: terra, água, fogo e ar, cabendo ao ceramista promover a harmonia entre essas dinâmicas. Opera por meio de transformações, através de procedimentos e técnicas aplicadas a distintos materiais, massas de argila com diferentes cores, composições e texturas. A argila é a matéria prima da cerâmica que nos envolve em uma alquimia de transformações, pois nos exige trabalhar diretamente com os elementos que constituem o universo como afirma a ceramista Katsuko Nakano em seu livro “Terra, fogo, homem”.

Tudo que existe tem uma trajetória a cumprir, a essência de todas as coisas é a mesma, mas cada um é um, está em mutação, crescimento e evolução constante. O mundo visível se encontra em um estado de fluxo e transitoriedade perpétua, ele não para de se transformar, não há nada fixo permanente no mundo dos fenômenos, fazendo cerâmica podemos mais do que em outras artes sentir e constatar e participar desse movimento de perpétua transformação cósmica, pois ela lida diretamente com os elementos que consiste o universo, Terra, água, ar e fogo, com a terra e água preparamos nossa matéria prima básica o barro, com o ar e o fogo atuam sobre a matéria sobre todo o processo e de forma mais intensa na queima. (NAKANO, 1989, p.67)

Os elementos se fazem presentes na cerâmica num movimento de contínua transformação, atuando durante todo o processo, que ocorre lentamente, assim como minha produção que vai se dando aos poucos, e nesse aos poucos vou conformando meu trabalho e me conformando, criando uma intimidade com o barro a ponto de conseguir produzir o que foi projetado, Percebo que é preciso estar sempre respeitando o processo e seu tempo, o tempo da argila estar pronta para modelar, o tempo das peças secarem, o tempo de queima, compreendendo suas características. Estes elementos atuam para o surgimento da argila que se dá do encontro da terra com a água, e que através da ação de microrganismos e reações da natureza torna-se um material de granulometria fina, moldável. A água e o ar tem de ser administrados durante a modelagem, buscando um equilíbrio para se chegar na forma desejada. O ar está presente em todos os momentos, mais incisivamente na secagem da peça, depende sempre do clima, podendo a secagem ser longa perdurando às vezes dias. Por fim o fogo, que atua na queima, onde a mutação acontece com a fusão dos elementos da argila, e de uma matéria flexível se obtém a rigidez da cerâmica, a argila se reconfigura quimicamente e surge um material novo.

Dentre todos os sentidos, na modelagem o tato é o mais presente, através das minhas mãos é que posso sentir sua existência palpável e dar forma ao amorfo. Por si só o barro é convidativo à manipulação, por sua maleabilidade já estimula a criação, e acredito que o contato com a argila evoca algo primitivo e constante em nossa espécie - querer apreender com a materialidade concreta do mundo. Essa relação sensível com o mundo, que aproxima o artista do primitivo é abordada por Henri Focillon em seu texto Elogio da mão:

Enquanto que, por um lado, o artista representa talvez o tipo mais evoluído, pelo outro continua a ser homem pré-histórico. Para ele o mundo é recente e novo, examina-o, desfruta-o com sentidos mais apurados que os do homem civilizado, reteve o sentimento mágico do desconhecido, mas sobre tudo a poética e a técnica da mão. (FOCILLON, 1943, p.114)

Entendo que o contato com a argila nos aproxima das experiências primitivas, mas é também uma aproximação que temos como as experimentações de um recém-nascido que explora o mundo tateando-o. É pensando a partir disso que as vivências e a relação intimista com a argila são fundamentais para a realização da cerâmica, pois a prática artística evoca essas relações de curiosidade, de experimentação que a sociedade atual tende a fazer cessar.

O fazer cerâmica requer tempo e dedicação, apesar das inúmeras possibilidades que a argila possui, ela tem seu limite. É entre perdas e ganhos, peças que se trincam, explodem ou se tornam aquilo que não se foi planejado é que aprendo, um exercício contínuo de desapego ao que foi produzido. Ao ter a argila sobre as mãos, modelá-la com os dedos, dar as formas idealizadas, torna-se uma atitude irresistível, pois, você pode retirar e acrescentar, amassar, esticar, através dos seus gestos a mudança é evidente, ela se transforma. E a argila por ser tão prática em materializar as ideias faz-se por ser permeada por ações intuitivas. Dentre as inúmeras vezes que me propus a modelar, realizei uma série de peças com formas delicadas e sinuosas, que mais tarde atraíram minha atenção.

Tomo este conjunto de seis peças cerâmicas como o início das formas escolhidas para o desenvolvimento da série *Proliferar*, busco produzir uma grande quantidade de peças para então organizá-las por diferentes locais. “Parecem cogumelos” ou “são cogumelos”, foram estas as denominações que ouvi desde o início. Não tenho nenhuma intenção de desvincular esta associação à forma do meu trabalho, pois, apesar de não ter sido o objetivo, percebo semelhança entre elas. As formas que crio, me remetem a algo já conhecido na natureza, como sendo organismos que crescem rapidamente e em grande quantidade, como fungos e parasitas, acredito que a decisão de fazer formas como essas tenha vindo desses reconhecimentos.



Figura 1: Conjunto de Seis. Cerâmica queimada a 900°, forno elétrico. 2013. Fonte: Imagem do autor.

Elas sugerem aspectos de plantas e de formas orgânicas e no processo de fazer múltiplos, reflito sobre esses aspectos e sua relação com a natureza, percebendo na fala de NAKANO afinidades com caminhos por onde minhas buscas percorreram.

Ao lado disso a natureza com seu reino mineral, vegetal e animal, constitui para mim uma fonte inesgotável e eterna de formas, a caligrafia de uma árvore ressequida, o formato de pedras dentro do mar, a textura de uma velha raiz, as curvas que delineiam o corpo humano sem contar os movimentos que a vida orgânica desenha, e o mais interessante na natureza as formas estão em movimento, por isso elas sugerem o crescimento, o romper, o surgir, o brotar, a dissolução a desintegração. (NAKANO, 1989, p.93 e 95)

As peculiaridades da forma concebida em cerâmica, parecem evocar esta fonte inesgotável de formas que a natureza possui. Observo que as peças possuem uma mesma estrutura, dispondo de uma base por onde cresce um tronco, uma copa que se faz fina e côncava e que guarda em sua superfície as marcas de minhas mãos. São características que de certa forma são constantes na

natureza, por esta razão se fazem de certo modo familiares.

Noto que está produção traz à tona inúmeras referências artísticas, como o trabalho da ceramista Celeida Tostes *GESTO ARCAICO* de 1991³, apresentado na 21ª Bienal Internacional de São Paulo. Como em meu trabalho, a artista também buscou perpetuar o instante da ação reflexa da mão sobre a argila. Sinto que o trabalho da artista busca um encontro de diversos tempos e pessoas, nos milhares de "amassadinhos" (nome dado pela artista ao módulo criado pelo ato de pressionar uma pequena porção de argila com a mão) as mãos de uma criança se encontram e se alinham com as mão de um presidiário, uma operação plástico-simbólica que meu trabalho não faz neste momento.

Sendo assim mesmo havendo a multiplicidade, cada peça se torna única, guardando o registro de sua construção de maneira espontânea. Percebo que o meu trabalho não é apenas um fazer mecânico, ou racional, de se reproduzir a mesma peça em cerâmica, por mais que exista repetição, tanto da forma quanto da maneira de fazer, estas são impregnadas de experiências e relações sensíveis com o material e se aproximam de um fazer quase ritualístico. Sendo assim, noto uma gestualidade individual, subjetiva e expressiva que marca cada momento em que me proponho a modelar, e marca minha vivência durante o processo. O fazer é permeado por vontades, e num trabalho diário e contínuo, por vezes entre espaços longos de tempo, o contato intenso entre homem e matéria se faz necessário desde a preparação da argila até a sua finalização. Esse contato intimista se dá por meio da produção, em gestos aparentemente mecânicos, guiados pelas mãos que sabem o que fazer, em uma conexão direta com o meu pensar. Nesse sentido, FOCILLON vê as mãos como portadoras de um pensamento próprio:

A mão é acção: apreende, cria, e por vezes dir-se-ia mesmo que pensa. Em repouso, não é um instrumento sem alma, abandonado sobre a mesa ou pendente ao longo do corpo: o hábito, o instinto e a vontade de acção meditam nela, não sendo necessário grande esforço para adivinhar o gesto que irá fazer. (FOCILLON, 1943, p.108)

Este hábito da repetição, muitas vezes, leva a um grau de envolvimento e concentração em que mesmo em silêncio, conversando ou de olhos fechados elas sabem o que fazer como se estivessem registradas em sua memória. O silêncio necessário a este fazer, não é o prolongamento de um ritmo monótono nem a ausência dele, mas sim uma intensa concentração de energia como potencialidade, um momento de prática-reflexiva, de observação, de traçar novos caminhos, pensar possibilidades delas no espaço, nas várias formas de acabamento, um momento de aparente silêncio exterior, mas de enorme inquietação interior.

Acredito que em meu fazer artístico, mesmo que aparentemente repetindo a mesma forma, crio uma abertura onde são combinados elementos de um exemplar com o do exemplar seguinte, fazendo acontecer o surgimento de elementos distintos, aquilo que se repetiu não é o mesmo, e vai se reiterando em ritmos de semelhança. Essa percepção sobre o ato de repetir é abordada em alguns trechos de Gilles Deleuze, mais especificamente esse que segue:

Ele (o artista) não justapõe exemplares da figura: a cada vez, ele combina um elemento de um exemplar com outro elemento de um exemplar seguinte. No processo dinâmico da construção, ele introduz um desequilíbrio, uma instabilidade, uma dissimetria, uma espécie de abertura, e tudo isso só será conjurado no efeito total (DELEUZE, 1988, p. 49 apud HOFSTAETTER, 2006, p.04).

Nesse sentido, penso que as mãos guiam minhas ações sobre os elementos que se repetem em suas proposições, deslocando-se assim para um outro âmbito, ainda oculto, velado, dissonante e instável ligado a um caráter de interrogação, de inacabado em cada uma das peças, conferindo desse modo uma certa abertura como diz Deleuze.

³ O trabalho apresentado pela artista é constituído de 20 mil amassadinhos dispostos em três painéis de seis metros por três, e uma roda vermelha no chão, ao centro, equiparando o ato de construção do objeto e a construção da técnica na referência do olhar.

Cada pedaço de argila a que é dada forma, por mais repetitivo que seja o gesto de minha mão, é distinto um dos outros, pois segundo Heráclito, “ninguém entra em um mesmo rio uma segunda vez, pois quando isso acontece já não se é o mesmo, assim como as águas já serão outras.” (HERÁCLITO DE ÉFESO, 2005). O que me interessa não é a repetição do idêntico, mas a geração do diferente. A multiplicação e a variação das formas em argila foram manipuladas pela “mão que faz” e pela mente que recorda, reunindo o passado e o presente ao longo do tempo, agora acumulado e estruturado em formas presentes, visíveis, concretas e reais.

Reconheço nessas peças que criei e na sua multiplicidade uma vontade de um entendimento de como ocupar o espaço, de como habitar, de como modificar essas estruturas e de como proliferar por meio de ensaios que me possibilitem desdobramentos. Desde a sua concepção sempre tive em mente o conceito de proliferar, que serve como título da série que venho desenvolvendo. Este conceito é o fio condutor de meu fazer, proliferar é ter prole, aquele que produz indivíduos de sua espécie, algo que está a todo momento se multiplicando como os cogumelos que realizam sua própria reprodução. É por meio de esporos que estes reproduzem, corpúsculos ligeiros que são transportados em suspensão pelo ar ou pela água, assim quando encontram substrato adequado e condições favoráveis de umidade e temperatura e iluminação, eles multiplicam-se, podendo formar extensas colônias e manchas no espaço.

É pensando a partir disso que anseio por possibilidades de experimentação em vários lugares, acredito que ao se deslocar por repetidas vezes em locais diversos traz em suas estruturas proposições sempre diferentes para cada instalação, dando ao trabalho uma dimensão do inacabado, aquilo que está sempre em processo e torna sempre a se reconfigurar.

2. COGUMELOS DA TERRA:

Cogumelos da Terra vem de um desdobramento de outro trabalho da série *Proliferar*⁴, *Andanças#6* é uma ocupação, site-specific na qual realizo a interferência dos cogumelos em uma paisagem de terra. A terra é o elemento do trabalho que interage com os cogumelos, dando a eles substrato para fixação e delimitando-lhes as manchas de ocupação espacial. A cerâmica dos cogumelos por sua vez nos mostra um material que foi eternizado, a sensação é de algo que ficou estável. A terra vermelha que traz o contraste e apresenta uma sensação de vida, movimento e continuidade.

⁴ Todas as proposições que compõem a série *Proliferar* estão disponíveis no link: <<https://rmtrevisan.tumblr.com/>> Acesso em: 30 dezembro. 2017.



Figura 2: Andanças#6. Cogumelos de cerâmica. 2014. Fonte: Imagem do autor.

Nessa montagem, a interferência na paisagem não foi percorrida por visitantes. Este local de terra vermelha se comportou como um campo de experimentações plásticas registradas fotograficamente, um terreno pronto para o plantio no qual pude experimentar até a exaustão de minhas possibilidades naquele momento. Na busca por proliferar e integrar os cogumelos naquela paisagem, faço como um jardineiro, vou plantando e construindo essa ambiguidade da cerâmica que está eternizada com a terra viva, em movimento, entre rigidez e a flexibilidade daquele chão que se brotar.



Figura 3: Andanças #6. 2014. Fonte: Imagem do autor.



Figura 4: Variadas montagens de Andaças #6. 2014. Fonte: Imagem do autor.

A terra se mostrou um campo fértil para minha pesquisa, retorno a ela como material de meu próprio trabalho, com centenas de cogumelos de cerâmica claras se apropriando do chão de uma galeria.

O trabalho *Cogumelos da terra*, consiste em uma instalação, site-specific feita de terra com cogumelos de cerâmica, que parecem estar plantados nesta terra. A proposta deste projeto artístico é estabelecer possíveis relações a partir da apropriação que essa espécie de fungo faz sobre um determinado local, gerando conflitos de diversas ordens. Abaixo estudos para a construção da instalação:

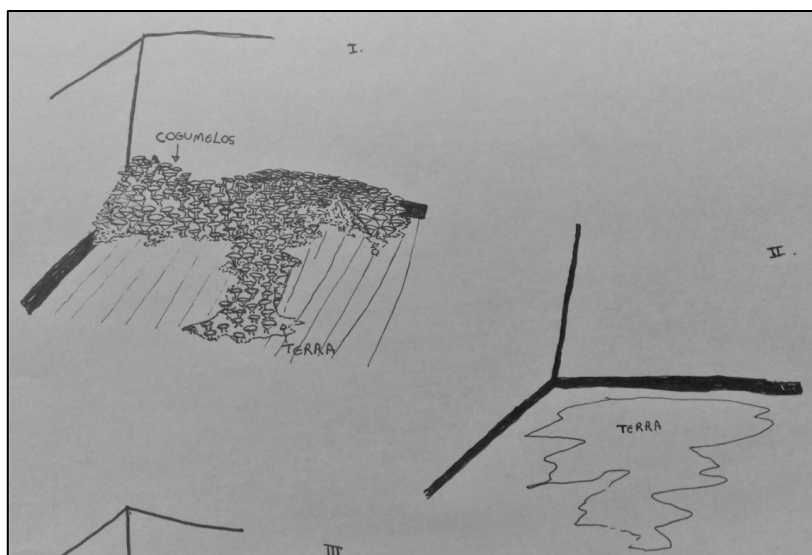


Figura 5: Croqui, estudos sobre a proposta de montagem do Cogumelos da Terra. 2017. Fonte: Imagem do autor.

No conceito do projeto está implícito que este hospedeiro que vem da terra é comparável à própria lógica do ser humano e sua ocupação do urbano, como uma resposta a uma amplitude de conflitos socioambientais com as quais as sociedades atualmente se justificam para os seus

desenvolvimentos. Estas referências são tratadas de maneira a estarem ocultas, dando margem à especulação, e usando da apropriação deste território a Galeria, para gerar incômodo, dúvida, imprevisto, do qual os cogumelos da terra se alimentam e se proliferam. Ao apontar para essa desordem podemos notar uma lógica dominante no convívio do ser humano e da natureza, onde se gera conflitos ligados a apropriação do território.



Figura 6: Cogumelos da Terra, cogumelos de cerâmica sobre terra. 2017. Fonte: Imagem do autor.

Este projeto artístico foi apresentado no I Seminário Internacional de Artes, Urbanidades e Sustentabilidade⁵ realizado pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal de São João Del Rei. O local da montagem foi a Galeria principal do Centro cultural da UFSJ, um casarão de grande importância histórica e arquitetônica, uma típica arquitetura colonial do início do séc. XIX, são 3 pavimentos de grandes dimensões, o 1ª onde funciona a galeria principal, destaca-se os imponentes arcos com arremate de tijolos que setorizam o espaço. Mesmo sendo um espaço para exposição de arte, esta galeria não se comporta como tal. Pois como define Miwon Kwon:

O espaço moderno da galeria/museu, por exemplo, com suas impecáveis paredes brancas, luz artificial (sem janelas), clima controlado e arquitetura pura, era percebido não só em termos de dimensões básicas e proporção, mas como um disfarce institucional, uma convenção normativa de exposição a serviço de uma função ideológica. (KWON, 1997, p.168 -169)

Trabalhando então com um espaço que possui elementos arquitetônicos de diversas épocas o trabalho site-specific busca se conectar, firmando estreitar uma relação de pertencimento, de apropriação para a valorização das identidades urbanas.

⁵ Todas as informações sobre o evento estão disponíveis no link:
<<http://gtrans.ufsj.edu.br/siaus2017/>>. Acesso em: 30 maio. 2017.



Figura 7: Cogumelos da terra. Centro Cultural da UFSJ. 2017. Fonte: Imagem do autor.

Nesse sentido o trabalho apresentado, se colocou entre a parede e o chão de pedra, se conectando como ruína, mas que ainda pulsa, criando assim um terreno de proliferação. Guia-se por detrás dessas intenções autorais que os visitantes construam sua própria interpretação a partir da combinação discursiva dos elementos que o artista apresenta em sua proposição, por haver algo de um universo onírico e de imaginário bem particular, sem perder o dado de realidade, gerando assim constante movimento e inquietação interpretativos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O que o trabalho apresentado acima explora é a intenção de pertencer a este lugar do qual se apropriou podendo gerar nos visitantes curiosidade, incerteza e ou indiferença, podendo de fato até mesmo passar despercebido, como presenciei durante o período de exposição, mesmo ele estando na entrada do local, muitos que por ali passaram, não os percebiam logo de início, assim, acredito que as formas dadas aos cogumelos são receptivas, fazem parte do repertório imagético das pessoas, evocando algo já familiarizado. Apesar de que quando eram notados, sua quantidade se potencializava em curiosidade, operando em relação ao leitor da obra a partir da abertura que o projeto possui. Esta abertura que é motivada pela repetição do fazer, seja pela reprodução de formas aparentemente iguais, ou pela continuidade de proposições como está, fazem evocar o caráter de uma obra aberta, sendo algo inacabado, que não se fecha em si, mas que continua nas relações com os outros indivíduos.

Pude amadurecer minhas relações com conceito de obra aberta através do contato com o trabalho de MAMEDES (2017) em seu artigo apresentado no mesmo evento *Participação em obras interativas: algumas reflexões estéticas*.

Ao refletir sobre como o conceito de obra aberta se comporta neste meu projeto artístico, acredito que ele está presente desde o processo de criação dos cogumelos, algo presente desde o alicerce, tive essa sustentação quando entrei em contato com alguns trechos do filósofo Umberto Eco, no qual definiu, que a abertura da obra seria uma questão de programa, de um objetivo conceitual, podendo se manifestar diferentemente para cada ser humano envolvido (ECO, 1991, p.37 apud MAMEDES, 2017, p.18.).

Assim sendo as vivências individuais e as referências socioculturais de cada visitante tornam o processo de interpretação algo particular que não pode ser totalmente controlado pelo artista que propõem. Em trabalhos com essa postura Umberto Eco diz:

Nas obras abertas, aspectos estruturais são intencionalmente transformados em convite a uma “intervenção orientada”, em que as possibilidades de interpretação de uma proposta de realização estão controladas (ECO, 1991, p.43 apud MAMEDES, 2017, p.118).

É como se a cada vez que um projeto de obra aberta fosse realizado ele se tornaria ao mesmo tempo, algo imutável e mutável, pois as interpretações podem mudar a cada vez que o projeto aconteça e seja apreciado por uma nova pessoa, ou ainda pela mesma pessoa em diferentes momentos. Tentando não abandonar a subjetividade da experiência artística e não se tornar algo literal, o discurso adotado neste projeto artístico parte da premissa de não se colocar de maneira didática e sim trabalhar com as intenções em um campo oculto e latente. Ao passo que a proposta de se estar em um evento que discute Arte, Urbanidade e Sustentabilidade, lanço esta proposta de que é necessário participar da obra, para que o significado ser acessado, de forma reflexiva e crítica.

Neste sentido, já que cada imagem emprega o sensível para transmitir um potencial significativo que compete ao criador sugerir, mas que é difícil de controlar, porque o campo interpretativo escapa ao controle do autor da obra. Por meio deste artigo procurei confidenciar um pouco de minhas experiências com a cerâmica e o desenvolvimento de toda uma pesquisa até o projeto artístico *Cogumelos da terra*. Aqui deixo um pouco de minhas reflexões sobre meu trabalho poético e o fazer artístico.

REFERÊNCIAS:

ARCHER, Michael. *Arte contemporânea/ Uma história concisa*. 1ª edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 1ª edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1993.

BAVCA, Evgen (Evgen Bavca). *A estética como utopia*. Revista Porto Arte: Porto Alegre, v.14. Nº24, p. 7-11, maio/2008.

CAMPBELL, Katia. *Arte para uma cidade sensível*. São Paulo: Invisíveis produções, 2015.

CANTON, Katia. *Espaço e Lugar*. 1ª edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. – (Coleção temas da arte contemporânea).

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea/ Uma introdução*. 1ª edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2005.

FER, Briony. *O molde: o trabalho em argila de Anna Maria Maiolino*. Disponível em:<http://annamariamaiolino.com/pt/textos/o_molde.pdf>. Acesso em: 30 maio. 2017.

R. Inter. Interdisc. Art&Sensorium, Dossiê SIAUS - Curitiba, v.5, n.1, p. 119 - 129 Jan.-Jun. 2018.

- FOCILLON, Henri. *A vida das formas. Seguido do Elogio da mão*. Tradução de Ruy Oliveira. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1943.
- FRANCOIS, Marlene Ramires. *Ciranda de arte: Leitura de textos/obras tridimensionais da artista Katsuko Nakano*. 2006. 27 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2006.
- HERÁCLITO, COSTA, Alexandre; *Fragments contextualizados*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2005.
- HOFSTAETTER, Andrea. *Repetição, transgressão e utopia em poéticas contemporâneas*. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gearte/artigos/artigo_andrea02.pdf>. Acesso em: 30 maio. 2017.
- KNOW, Miwon. *Um lugar após o outro: anotações sobre site-specificity*. Revista arte & ensaios n^o17, UEBA/UFSJ, 2009.
- MAMENDES, Clayton Rosa. Participação em obras interativas: algumas reflexões estéticas. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DE ARTES, URBANIDADES E SUSTENTABILIDADES, 1^a edição, 2017, Universidade Federal de São João Del Rei. *Anais do 1^a Simpósio Internacional de Artes, Urbanidades e Sustentabilidade. Conectando Artes, Urbanidades e Sustentabilidade*. São João Del Rei - Mg: Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade/UFSJ, 2017, p.117-127.
- NAKANO, Katsuko. *Terra, fogo, homem*. 1^a Edição. São Paulo: Aliança Cultural Brasil - Japão, 1989.
- SILVA, Raquel; COSTA, Marcus de Lontra; *Celeida Tostes*. Rio de Janeiro: Memória Visual, 2014.
- TATAY, Helena. *Anna Maria Maiolino*. 1^a edição. São Paulo: Cosac Naif, 2012.